

Situação:

Amor, liberdade e rebelião

Ricardo Lenard

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3072>

Submetido em: 2021-10-17

Postado em: 2021-10-25 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

AMOR, LIBERDADE E REBELIÃO: INSTÂNCIA ORIENTATIVA DO BAKUNINISMO DE MAX NETTLAU

LOVE, FREEDOM AND REBELLION: GUIDING INSTANCE OF MAX NETTLAU'S BAKUNINISM

Ricardo Lenard*

ricardolenard@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6500-4040>

RESUMO: analisa-se o sistema orientativo criado por Nettlau a partir da vida de Mikhail Bakunin. A fonte será as publicações de Nettlau no periódico espanhol *La Revista Blanca* (1898-1905/1923-1936). A raridade do bakuninismo de Nettlau está no conjunto de relações entre: amor, liberdade e rebelião. A aproximação de Nettlau com a historiografia alemã do século XIX (historicismo), formando um historicismo anarquista, ensejaria um sentido orientativo racional e sofisticado, próximo do genético de Jörn Rüsen, por meio da via libertária.

PALAVRAS-CHAVE: ética ácrata; historicismo anarquista; Max Nettlau.

ABSTRACT: the guidance system created by Nettlau from the life of Mikhail Bakunin is analyzed. The source will be Nettlau's publications in the Spanish periodical *La Revista Blanca* (1898-1905/1923-1936). The rarity of Nettlau's Bakuninism is in the set of relationships between: love, freedom and rebellion. Nettlau's approximation with 19th century German historiography (historicism), forming an anarchist historicism, would give rise to a rational and sophisticated orienting sense, close to the genetic of Jörn Rüsen, through the libertarian path.

KEYWORDS: acratie ethics; anarchist historicism; Max Nettlau.

1. Introdução

A primeira grande vitória do anarquismo será através do sacrilégio. A história monumental narrada por um anarquista não deve ser entendida senão como apropriação das forças anarquistas pelo autoritarismo, indício de necessidade de terapia libertária. Anarquismo, como máquina de guerra, “desata o liame assim como trai o pacto”¹. Os modelos rígidos e atemporais, canônicos, ou até mesmo a negação de outros pontos de vista em benefício da própria perspectiva (canonização de si) são objetos de conjuração para o libertário. Isto, contudo, nada tem a ver com desumanização ou falta de valor, pelo contrário, o anarquismo só foi possível por afirmação de um conjunto de valores altamente humanizados e racionalmente orientados por uma extensa abertura estética. Assim, os atores libertários não se confundem com modelos universais, nem normativos, nem absolutos, porém produzem formas libertárias de significação que orientam tanto a vida pública como a relação consigo. Max Nettlau foi um dos que sou aplicar esta concepção ao Bakunin.

* Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

¹ DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 5. Trad. Peter Pál Pelbart. Ed. 34. 2ª Edição. 2012.

A imagem de Bakunin elaborada por Nettlau e a sua função orientativa serão os objetos analisados neste artigo. Aqui não se encontrará nenhuma discussão direta e explícita sobre os textos de Bakunin. Há estudos promissores sobre o anarquista russo, porém o de Nettlau porta um valor singular por sua dedicação a Bakunin. Por um procedimento de montagem interpretativa de fragmentos esparsos em suas publicações em *La Revista Blanca*², apresentar-se-á como Nettlau orientou o movimento anarquista a partir de Bakunin.

A vida de Max Nettlau foi um incessante entrega aos estudos. Nettlau (1865-1944) nasceu em Neuwaldegg, Viena, Áustria. Coursou filosofia pela Universidade de Berlim em 1882/84; realizou estudos complementares na universidade de Viena, em 1884, e, em 1885, na Universidade de Londres; doutorou-se pela Universidade de Leipzig na Alemanha em 1887 sobre línguas celtas. O resto de sua vida foi dedicada aos estudos sobre a história da Liberdade, com ênfase no anarquismo, porém sem se esquecer de outros movimentos libertários, por exemplo, dos filósofos antigos (cirenaicos, estoicos e sofistas), catarismo, humanismo, liberais clássicos e “socialismo utópico”. A partir de tal empreendimento que Nettlau reuniu um acervo com mais de quarenta mil periódicos que, posteriormente, constituiu grande parte do acervo do *International Institute of Social History* (IISH).

A historiografia anarquista contemporânea carece de aprofundamento sobre Nettlau. Nettlau se encontra em um processo de incessante omissão resultando em poucas referências a poucos textos. Não se encontrará aqui algo definitivo, pois isto só seria possível após o exaustivo escrutínio de toda sua produção sobre Bakunin. Acessar-se-á apenas parte do bakuninismo, das obras de Nettlau e do passado anarquista.

Nettlau foi reconhecido como o historiador anarquista mais competente por diversos anarquistas. São exemplos destes: Edgar Leuenroth, Emma Goldman³, Federica Montseny⁴, Frank Mintz⁵, Luce Fabbri⁶, Rudolf Rocker⁷. Daniel Guérin o cita como um dos importantes estudiosos sobre Bakunin. Sem dúvida o austríaco pode contribuir muito para a historiografia atual.

² Periódico espanhol coordenado pela família Federica Montseny, Federico Urales e Teresa Mañe que foi publicado de 1898-1905 e, num segundo momento, 1923-1936. O periódico oscilou, em seu auge, entre 6 mil a 8 mil exemplares e se difundia em alguns continentes como, por exemplo, África, América do Sul, América do Norte e Europa. A Brasileira Maria Lacerda de Moura publicou diversas vezes no periódico. *La Revista Blanca* abarca os temas mais diversos, mas, como eixo transversal, deviam estar em relação com a vida prática das camadas populares. O subtítulo da revista, “sociologia, ciencia, arte”, permite inferir seu foco principal.

³ Ver: *Living my life*.

⁴ Ver: *Qué es el anarquismo*.

⁵ MINTZ, F. Introdução. In: NETTLAU, M. *História da Anarquia: das origens ao anarco-comunismo*. Trad. Plínio Augusto. São Paulo: Hedra, 2008.

⁶ Ver: *La libertad entre la historia y la Utopía*.

⁷ Ver: *Anarco sindicalismo*

A concepção bakuninista encontrada em Nettlau é marcada pela sua relação com o momento em que ela é forjada. Nettlau percebeu que o elemento constituinte da vida e obra de Bakunin poderiam auxiliar o anarquismo a sair da proscricção que se encontrava. Nettlau encontra em Bakunin conjunto tripartido de relações indissociáveis e interdependentes: amor, liberdade e rebelião. Analisar-se-á respectivamente o sentido orientativo de cada um dos três. Sendo assim, o Bakunin apresentado por Nettlau é tanto uma orientação sofisticada como um esclarecimento dos valores fundamentais do anarquismo, tanto compreensão do passado como projeção de futuro.

2. *Duas notas preliminares sobre bakuninismo de Nettlau*

1 - Nettlau apropria principalmente o tipo de narrativa e a função orientativa inerente a concepção do historicismo alemão⁸. No século XIX, na Alemanha, havia um amplo movimento historiográfico liderado por Leopold von Ranke, o historicismo. Não só Nettlau, mas parte considerável dos intelectuais anarquistas referenciavam-se naquela escola. Kropotkin, Reclus e Rocker⁹ citavam constantemente figuras como, por exemplo, Jacob Burckhardt, Karl Lamprecht, e Leopold von Ranke. Entre os historicistas, Nettlau interessava-se especialmente por Wilhelm von Humboldt.

A narrativa histórica pelo que Hayden White¹⁰ denominou de “operação sinedóquica” de Humboldt foi adotada por Nettlau. A compreensão de Bakunin, como parte, é uma estratégia para compreender o movimento anarquista daquele período, o todo. Bakunin, para Nettlau, destacava-se por ser responsável pela primeira onda de massificação do anarquismo, portanto, um ótimo objeto para a operação sinedóquica.

Por outro lado, a vida de Bakunin seria um dos elementos mais esclarecedores de sua concepção libertária e, simultaneamente, das condições de possibilidade do anarquismo¹¹. O

⁸ Para os que não conhecem bem esta escola, Luiz Sérgio Duarte da Silva pode auxiliar: “São três os pressupostos do historicismo: em primeiro lugar, a afirmação da História como realidade imanente (uma ontologia realista da qual deriva uma teoria da verdade como correspondência e o entendimento do processo histórico como realidade estruturada e dependente de uma concepção de tempo linear, segundo uma direção ou sentido racional). Em segundo lugar, a aceitação da premissa da concecibilidade desta realidade, sustentada pela racionalidade dos fenômenos culturais, de sua tendência imanente ao progresso, aperfeiçoamento ou aprendizado, característicos da espécie humana. Em terceiro lugar, a aceitação da historicidade como marca do mundo dos homens (a consciência histórica iluminista, e o historicismo é um desdobramento do iluminismo, é produtora e produto de uma concepção da especificidade e autonomia da experiência humana).” SILVA, L.S.D. Leituras do historicismo antes e depois do Holocausto: Rügen e Benjamin. *Revista de Teoria da História*. Ano 1, Número 1, agosto/ 2009. p. 32 – 33.

⁹ Kropotkin em sua “Ajuda mútua”; Reclus em “Homem e a terra”; Rocker em “Nacionalismo e cultura”. Somado ao Max Nettlau, estes seriam os principais intelectuais do movimento anarquista, segundo Federica Montseny.

¹⁰ WHITE, H. *Meta-História: A imaginação Histórica do Século XIX*. Trad. José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora da USP, 1992.

¹¹ A duplicidade das forças é uma característica não só de Nettlau como de todo anarquismo. Bakunin seria, para Nettlau, o paladino de tal estrutura dupla das forças devido ao seu “predicar pelo exemplo” - este seria, inclusive,

russo exigiria de si mesmo a materialização do elemento constituinte de sua proposta de sociedade. O predicar pelo ato é simultaneamente criar, experimentar e instruir novos estilos de vida. Por este motivo Nettlau prefere a narrativa realista, como ensinada por Ranke¹². O biógrafo empenhou-se em fazer uma história de Bakunin “como poderia ser, da maneira mais provável possível, segundo os testemunhos disponíveis”¹³ para compreender integralmente a concepção libertária do socialismo de Bakunin. A obra e vida de Bakunin evidenciaria os princípios do anarquismo e poderia orientar as práticas anarquistas¹⁴.

2 – Os princípios que fundam o bakuninismo de Nettlau podem ser encontradas por sua regionalização no horizonte político. Nettlau foi um grande defensor de três concepções: a) democracia; b) humanismo e; c) modernidade. A sua inspiração democrática vem de César de Paepe, que compreende o anarquismo como democracia ideal¹⁵. O humanismo é uma herança de Thomas Paine para todo o anarquismo. A modernidade é compreendida como horizonte comum e único possível para o anarquismo. Sobre estas relações incorporarem-se ao russo, o linguista diz sobre Bakunin e Proudhon: “Não ignoraram o sentido de modernidade. Fizeram-na compatível com a base campesina descentralizada e individualizada, criando neles a convicção de que a liberdade e a expansão autônoma são essenciais para o desenvolvimento humano”¹⁶. Estes três são os princípios que determinam as possibilidades ao amor, liberdade e rebelião na obra de Nettlau.

3. Amor

Para o austríaco, o anarquismo é um tipo de socialismo com revalorização ética¹⁷. Amor seria desejo por individualidade. Para tanto é preciso, por um lado, incitar a multiplicidade e, por outro, estimular a tolerância. Neste sentido, somente alguém virtuoso estaria apto a praticar o amor. Daí ênfase no amor nos textos sobre Bakunin.

o fundamento da propaganda pelo ato proposta por Kropotkin. Esta nada mais é que dobrar o anarquismo, expandir a concepção para o as propostas políticas e sobretudo para os horizontes existenciais.

¹² WHITE, H. *Meta-História: A imaginação Histórica do Século XIX*. Trad. José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora da USP, 1992.

¹³ NETTLAU, M. Un poco de historia: Alrededor de Miguel Bakunin y Gaspar Sentiñón. *La Revista Blanca*, Barcelona, 4, no. 83. 01/11/1926. p. 324-325.

¹⁴ Nettlau entendia que o anarquismo se encontrava em um momento de isolamento e rebaixamento das suas potencialidades; visava explorar a obra e vida de Bakunin para produzir quadros de inspiração revolucionária.

¹⁵ NETTLAU, Max. La idea anarquista, su pasado, su presente, su porvenir-XI. *La Revista Blanca*, Barcelona, 3, no. 46. 15/04/1925: 25-27.

¹⁶ NETTLAU, M. Raíz de las ideas de Marx y Engels, y raíz de las ideas de Proudhon y Bakunin-II. *La Revista Blanca*, Barcelona, 13, no. 323. 29/03/1935. p. 289.

¹⁷ NETTLAU, M. La presión económica y la lucha por la libertad. *La Revista Blanca*, 13, no. 351. 11/10/1935: 961-964. p.963

Amor é usado aqui de forma didática para elucidar um conjunto de relações que os anarquistas acolheram. Poder-se-ia facilmente e com o mesmo rigor substituir amor por solidariedade. Entretanto a escolha evidencia o feixe de relações formado pelo bakuninismo de Nettlau¹⁸.

A falta de ética prejudicaria a liberdade e a emancipação econômica¹⁹. Em Bakunin há uma relação dialógica que se traduziria na máxima “a sociedade, longe de diminuir ou limitar, cria, pelo contrário a liberdade dos indivíduos”²⁰, ou seja, a ética deveria ser sempre compartilhada. Somente por amor se pode, segundo o Bakunin de Nettlau, derivar o programa da Aliança²¹. Portanto, é imprescindível a massificação da ética cujos valores se relacionem com a multiplicidade.

Em Nettlau o contexto é progenitor de vícios ou virtudes²². Se, para Walter Benjamin, ao comentar o materialismo de Marx, o “nervo das melhores forças” proviria “tanto do ódio como do espírito de sacrifício”²³. Em Nettlau, “o comunista é escravo de si”²⁴ justamente por ainda ser refém de valores vulgares. Para o anarquista austríaco, os bens do espírito que produzem desenvolvimentos reais da humanidade são frutos de uma alma livre, que consome valores elevados. O ódio, a miséria e a escravidão só poderiam resultar em autoritarismo. O

¹⁸ Se restar dúvida sobre a plausibilidade do uso do amor em substituição a “solidariedade” em Bakunin, basta ver a carta ao seu irmão, Pavel, de 29/03/1845, onde ele diz que: amar é querer a liberdade do outro. Aos que acreditam que seja falta de rigor conceitual ou pieguice, Guattari responderia: “o desejo amoroso não tem nada a ver com a bestialidade ou com uma problemática etológica qualquer. Quando ele assume essa feição estamos diante de algo que é exatamente da natureza do tratamento do desejo na subjetividade capitalística. Há um certo tratamento serial e universalizante do desejo que consiste precisamente em reduzir o sentimento amoroso a essa espécie de apropriação do outro, apropriação da imagem do outro, apropriação do corpo do outro, do devir do outro, do sentir do outro. E através desse mecanismo de apropriação se dá a constituição de territórios fechados e opacos, inacessíveis exatamente aos processos de singularização, sejam eles da ordem da sensibilidade pessoal ou da criação, sejam eles da ordem do campo social, da invenção de um outro modo de relação social, de uma outra concepção do trabalho social, da cultura, etc.” GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Cartografias do desejo*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 281. As relações que se deseja apresentar com esta substituição é entre o anarquismo e os estoicos - a “cidade do amor” de Zenão (MATOS, A. S. M. “Do radicalismo igualitário grego ao universalismo conservador romano: a construção da ideia de República no Estoicismo”. *Archai* n. 9, jul-dez 2012, pp. 45-60.) -, uma noção singular de amor livre (diferente da contemporânea, entendida equivocadamente como sinônimo de poligamia ou sucedâneos) e entre as culturas, orientada pela coqueteria (SIMMEL, G. *Psicologia do coquetismo*. In: SIMMEL, G. *Filosofia do amor*. Trad. Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 2006)

¹⁹ NETTLAU, M. La reacción que siguió a 1871, juzgada por Bakunin y la reacción moderna-II. *La Revista Blanca*, Barcelona, 12, no. 264. 08/02/1934. p. 195.

²⁰ BAKUNIN, M. *Conceito de liberdade*. Trad. Jorge Dessa. Porto: Res limitada. 1975, p. 14.

²¹ NETTLAU, M. El nacionalismo económico y la Internacional de la solidaridad humana (con algunas consideraciones sobre la esencia y la obra de la Internacional de 1864). *La Revista Blanca*, Barcelona, 13, no. 344. 23/08/1935. p. 795.

²² Este é um dos lados da compreensão de Nettlau, mas não deve ser entendido como fatalismo. Assim como Humboldt (2010), para o austríaco, o contexto poderia ser insuficiente para explicar determinados efeitos.

²³ BENJAMIN, W. O conceito de história. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 248.

²⁴ NETTLAU, M. Respuesta a una interrogante vital-II. *La Revista Blanca*, Barcelona, 14, no. 369. 21/02/1936, p. 141.

amor, a liberdade e a rebelião seriam os princípios da sociedade e da individualidade livre. O libertário encontraria no passado não o ódio, e sim as centelhas de liberdade, absorvê-las-ia e aprimorá-las-ia até sua unidade mais íntima energizar-se plenamente e ser capaz de explodir o antigo regime²⁵. Bakunin, com “o diabo no corpo”²⁶, abriria as portas para este singular modelo orientativo entrar no campo da história - sua vida seria o seu maior legado.

Neste sentido, o historiador enfatizará elementos virtuosos da vida do anarquista russo. A narrativa sobre a infância de Bakunin seria marcada por uma atmosfera relativamente permissiva para o desenvolvimento dos anseios libertários. Enfatiza-se o caráter liberal da família do revolucionário russo, o contato com os melhores autores da literatura mundial, uma educação de qualidade. Mesmo em meio aos atritos com os pais, destaca-se a camaradagem entre os irmãos de Bakunin. Outro elemento elucidativo é o engajamento de Nettlau para esclarecer o mal entendido que havia em torno da “Confissão” de Bakunin. Na narrativa de Nettlau, as virtudes da vida de Bakunin sobressaem, justificando a qualidade dos produtos desta alma libertária.

Nettlau utilizou o comportamento ético de Bakunin para fundamentar a herança estoica no anarquismo moderno. Nettlau pretende criar um jogo entre o continuum histórico e rupturas da força libertária. Sua narrativa inicia nos primórdios da humanidade e se estende até a modernidade de seus dias. Segundo Nettlau²⁷, os estóicos seriam anarquistas antigos. Diversas vezes, Nettlau apresenta aproximações com o “olhar para a interioridade”, marca do Stoa²⁸ e a racionalidade virtuosa. Zenão seria o anarquista da antiguidade mais citado pelo historiador²⁹. E o homem diligente (spoudaíos) seria seu conceito mais atual, devido à proximidade com os militantes anarquistas, pois:

O diligente é grande, robusto, alto, forte: grande porque está num grau de atingir o fim a que se predispõe, e é isto o que lhe compete; robusto

²⁵ Destruir o antigo regime não é sinônimo de destruir tudo que há. Bakunin não seria ingênuo a este ponto. Soma-se a isto que a destruição é sempre construtiva. Portanto, destruição do antigo regime, no sentido bakuninista, é substituição de toda a cadeia autoritária (aquilo que a esta não pertença, não seria destruído) por uma mola propulsora dos valores libertários.

²⁶ Esta expressão, que se tornou quase uma das máximas de Bakunin, será entendida de forma articulada com a de Diderot, que diz: “Por isso, na véspera de uma ação, ele dormia tão bem em sua barraca como em sua guarnição, e ia ao fogo como ia ao baile. É realmente a respeito dele que vós teríeis exclamado: ‘que diabo de homem!’” (DIDEROT, D. *Obras IV: Jacques, o fatalista, e seu amo*. São Paulo: Perspectiva, 2006. P. 103).

²⁷ NETTLAU, M. La idea anarquista, su pasado, su presente, su porvenir – I. La Revista Blanca, Barcelona, 2, no. 28, 15/07/1924): 23-26.

²⁸ GAZOLLA, R. *O ofício do filósofo estoico* – o duplo registro da Stoa. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 12.

²⁹ Por mais anacrônico que possa parecer, é comum essa relação entre o socialismo e o estoicismo entre especialistas. O Professor Eduardo Boechart, por exemplo, faz inúmeras vezes esse tipo de relação. Ver: BOECHAT, E. Política em Possidônio. In: Seminário GT Epicteto da ANPOF, I, 2020, São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cqqsEvTM-2s&list=PLffWvF8WV94SQWsEae9I9vDN9bWFS-eL8&index=14>. Visto em: 25/08/2021.

porque bem desenvolvido em todo sentido; alto porque participa da altura que toca ao homem generoso e sábio; forte porque é obtida a força que espera³⁰

Bakunin portaria a significação do diligente, porém temporalizada. A imagem do russo não é tomada na dimensão exemplar, mas pela autenticidade e experiência. Nettleau descreve a vida do russo como quem manteve firme sua conduta diligente, porém sem omitir deslizes. A abnegação seria a principal característica do russo apresentada por seu biógrafo. A fundante dela seria a “ação invisível”, dever da vanguarda de agir sem ambição pessoal e permitir as massas protagonizarem o evento revolucionário. O hegelianismo, a germanofobia, e o nacionalismo seriam exemplos de equívocos de Bakunin. Diferente da escola estoica, o diligente de Nettleau seria fundado na experiência, portanto, sem linearidade e carregado de deslizes, equívocos, infrações, rupturas e traições a si mesmo.

O amor manifestar-se-ia de forma paradoxal no horizonte das propostas coletivas; encontraria na ambivalência entre igualdade e multiplicidade a sua materialização. Ele é uma relação entre aqueles dois valores, pois só pode materializar-se plenamente se todos partissem das mesmas condições iniciais. Como Bakunin mesmo diria “Igualdade sem liberdade é ficção insalubre elaboradas por desonestos para enganar os tontos.”³¹. E conclui: “sejamos socialistas sem nos convertermos em povo-rebanho”³². Portanto, o bakuninismo de Nettleau conclama pela relação harmônica entre amor e liberdade.

Nettleau enfatiza que o russo defendeu diferentes propostas que uniam harmonicamente a diversidade como, por exemplo, a formação dos Estados Unidos da Rússia (EUR) em 1857 e, na Liga da Paz e Liberdade (1867-68), a formação dos Estados Unidos da Europa. Mesmo que a defesa dos EUR seja um mercado pelo nacionalismo de Bakunin, ainda sim se pode considerar como defesa de certa coabitação de diversos eslavismos. Já o internacionalismo seria uma forma de solidarizar-se em escala global, a fórmula coletiva mais aperfeiçoada do amor em Bakunin. Ele não seria o esfacelamento das fronteiras e das individualidades e sim o amor internacional das massas com respeito às especificidades locais. Nettleau não deixe de mencionar que

³⁰ ZENÃO apud GAZOLLA, R. *O ofício do filósofo estoico* – o duplo registro da Stoa. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 52-53.

³¹ BAKUNIN apud NETTLAU, M. La libertad de la sociedad del mañana. *La Revista Blanca*, Barcelona, 14, no. 387, 15/07/1936. p. 74

³² NETTLAU, M. La libertad de la sociedad del mañana. *La Revista Blanca*, Barcelona, 14 no. 387, 15/07/1936. p. 74.

Bakunin, assim como Marx³³, sacrificariam o internacionalismo³⁴. Toda essa estranha relação de equívocos e acertos ganham função orientativa, já a volúpia do amor entre as massas como objeto de desejo de Bakunin serve como insumo orientativo.

Até mesmo o federalismo entra neste jogo de igualdade de ponto de partida que permite a multiplicidade de programas dos Municípios Livres³⁵. O coletivismo anarquista de Bakunin não seria outra coisa além de um sistema de igualdade econômica de ponto de partida, respeitando a história de cada localidade, que resultaria em infinitos sistemas econômicos. Segundo Nettlau, Bakunin nunca teorizaria um sistema para além da destruição das possibilidades de retrocesso para o modelo estatista.

Por fim, o último elemento que constitui o amor do bakuninismo de Nettlau é o carácter inclusivo de sua narrativa. Nettlau pretendia acolher as minorias no socialismo. Em Bakunin, esta inclusão se encontra de forma implícita, pelas suas relações pessoais³⁶. Nettlau demonstra como Bakunin foi próximo de defensores da diversidade como, por exemplo, do feminismo de Anna Kullkoff e do orientalismo de Angelo de Gubernatis. A história do russo, pela proximidade com as concepções diversificadoras, instigaria a multiplicidade e minorias, traduzindo-se em ampliação de perspectivas e sofisticação intelectual. Nota-se a relevância que o austríaco dá à multiplicidade, não por acaso ficou conhecido como defensor do socialismo de minorias³⁷.

Nettlau usava esse aspecto de Bakunin para produzir impactos no movimento anarquista. Por um lado, há a pretensão de evidenciar a insuficiência das correntes que cerceiam a importância do conteúdo ético da ação – anarquistas autoritários, marxismo e sindicalismo revolucionário. Por outro lado, pretendia-se sugerir a necessidade da solidariedade entre as diversas concepções ácratas. O russo permitiria aos anarquistas notarem erros e acertos em relação a importância da atuação ética e da diversidade de engajamentos libertários.

³³ Marx é sempre um referencial de distinção adotado por Nettlau. O contexto pós-Revolução Russa de 1917, as perseguições aos anarquistas e os conflitos cotidianos entre socialistas autoritários e libertários, auxiliaria a compreender a comparação. Porém Max Nettlau não considerava Karl Marx, nem mesmo Charles Darwin e Sigmund Freud como antagônicos ao anarquismo (NETTLAU, M. El lugar de la anarquía en la serie de las liberaciones humanas. *La Revista Blanca*, Barcelona, 7, no. 156. 15/11/1929. p. 278).

³⁴ Bakunin com sua germanofobia e Marx com sua russofobia

³⁵ NETTLAU, M. Raíz de las ideas de Marx y Engels, y raíz de las ideas de Proudhon y Bakunin-III. *La Revista Blanca*, Barcelona, 13, no. 326. 19/04/1935: 361-363.

³⁶ Apresentar elementos teóricos desta forma é mais uma característica típica do historicismo, como aponta Estevão Rezende Martins. Ver: MARTINS, Estevão de Rezende. Historicismo: tese, legado, fragilidade. *História Revista*, 7 (1/2): 1-22, jan./dez. 2002.

³⁷ ROCKER, R. *Max Nettlau el herodoto de la anarquismo*. Trad. Diego Abad Santillán. México: México D.F. 1950.

O cultivo do amor seria apresentado visando estimular a tolerância no movimento anarquista. Nettlau dedica certa atenção a este aspecto da vida de Bakunin para combater as tendências fanáticas do anarquismo que apontam para um programa único e global como, por exemplo, o plataformismo. Assim, Nettlau diz: “o homem tolerante é sempre ao mesmo tempo o mais independente; o intolerante e escravo de suas paixões nunca é verdadeiramente livre. Élisée Reclus e Bakunin dão um belo exemplo de simpatia entre homens independentes e livres”³⁸. Nettlau dá alguns exemplos práticos de tolerância em Bakunin: a existência de diferentes perspectivas³⁹ e estratégias⁴⁰ dentro da Alianza, a simpatia com diversas outras correntes como, por exemplo, o individualismo de Ambrose Custon Cuddon⁴¹. Bakunin não formaria dogma nem para si mesmo, nem para o anarquismo e nem orientativo. A validade do amor estimular as transformações e as diferenciações.

4. Liberdade

Na narrativa de Nettlau, a liberdade encontra sua possibilidade devido ao otimismo de Nettlau. Por um lado, o princípio permitiria inserir frestas do extraordinário e realizar o desenvolvimento efetivo do gênero humano. Por outro lado, liberdade seria a renovação intelectual. A aproximação do austríaco com o individualismo qualitativo de Nietzsche e Goethe que permitiria este duplo efeito. Bakunin serviria de quadro orientativo que aponta para a necessidade libertária de afirmação incessante de individualidade.

Os textos de Nettlau sobre Bakunin estão associados à expectativa historicista de triunfo da liberdade por meio do individualismo qualitativo. No ensaio “Sobre a tarefa do historiador”, Humboldt apresenta a narrativa otimista, a qual possui abertura para considerar a insuficiência das condições para explicar determinados aparecimentos⁴². Quando confere maior valor a geminação e menos a dissolução das ideias, assim como Humboldt⁴³, Nettlau deposita uma expectativa otimista no renascimento libertário. Tal movimento deve ser compreendido

³⁸ NETTLAU, Eliseo Reclus y Miguel Bakunin. *La Revista Blanca*, Barcelona, 6, no. 103. 01/09/1927. p. 264.

³⁹ Os irmãos Reclus tinham concepções totalmente diferentes das de Bakunin e todos uniram-se na Alianza. Ver: NETTLAU, M. Eliseo Reclus y Miguel Bakunin. *La Revista Blanca*, Barcelona, 6, no. 105. 01/10/1927: 257-264.

⁴⁰ Guisepe Fanelli e Elías Reclus tinham posicionamentos diferentes em relação a ação da Alianza na Espanha, principalmente, em torno de possíveis alianças com os políticos republicanos federalistas. Ver: NETTLAU, Eliseo Reclus y Miguel Bakunin. *La Revista Blanca*, Barcelona, 6, no. 103. 01/09/1927. p. 264.

⁴¹ Vale destacar que o historicismo utilizava da estratégia de apresentar elementos teóricos implicitamente.

⁴² HUMBOLDT, W. “Sobre a tarefa do historiador” [1821], in: E. M. Martins (org.), *A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. trad. e apresentação de Pedro Caldas. São Paulo: Contexto, 2010. p. 71-100.

⁴³ WHITE, H. *Meta-História: A imaginação Histórica do Século XIX*. Trad. José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora da USP, 1992.

pela tradição individualista⁴⁴ formada por Goethe, endossada por Humboldt e confirmada por Nietzsche⁴⁵. Simmel quem apresenta este tipo de individualismo via personagens de Goethe, os quais “persiste o sentido interior de que cada um, em seu fundamento último, é diferente do outro com o qual esbarra por força do destino; e de que a ênfase da vida e do desenvolvimento não está posta no igual, mas no que é absolutamente próprio”⁴⁶. Os fundamentos desta concepção são a incomparabilidade e singularidade qualitativa do indivíduo. Para Nettlau, porém o aparecimento deste tipo de personalidade só ocorre em relação com as forças libertárias. A expectativa nas centelhas de Liberdade é a afirmação máxima de seu otimismo.

A apresentação do conflito de Marx e Bakunin seria suficiente para evidenciar a compreensão de Nettlau sobre a insuficiência do contexto para determinar os indivíduos. O biógrafo demonstra que, para Bakunin, o homem não é produto de suas ferramentas. Se, para o economicismo marxista, a consciência e as formas políticas e jurídicas são edificadas pelos meios de produção, o bakuninismo não conseguiria compreender como os meios de produção se desenvolvem tão rapidamente e os humanos estariam cada vez mais estagnados⁴⁷. O economicismo não explicaria como indivíduos de outrora conseguiram desenvolver-se qualitativamente muito mais, mesmo gozando de meios menos desenvolvidos, que outros. O que predominaria no bakuninismo é o progresso qualitativo do aprendizado de princípios elevados, sobretudo, liberdade e solidariedade, como possibilidade de elevação coletiva e individual.

Para Nettlau, da soma de liberdade e igualdade derivaria o individualismo qualitativo de Bakunin. A pressuposição básica do russo é que liberdade seria o pleno desenvolvimento das capacidades humanas. Diferente de Rousseau e Kant, que pressupõem o desenvolvimento da essência profunda como um encontro à um modelo igual a todas as demais⁴⁸, a liberdade em Bakunin é sinônimo de surgimento de novas personalidades. A noção de liberdade em Bakunin suscita a multiplicidade. A infinidade de acordos federativos, a possibilidade de cisão sem sanção, a atuação quase solitária de Bakunin são exemplos oferecidos por Nettlau para

⁴⁴ Individualismo, aqui, está em um sentido muito distinto daquele compreendido pelo senso comum do anarco-individualismo. Para aprofundar nas críticas de Nettlau à um individualismo ingênuo, basta ver seus textos sobre Ravachol ou sobre o anarquismo francês como um todo. Ver: NETTLAU, M. Bosquejo histórico del esfuerzo libertario en Francia. *La Revista Blanca*, Barcelona, 12, no. 283. 22/06/1934: 497-500.

⁴⁵ Nettlau foi um leitor assíduo dos três. Pode-se encontrar destaque de sua leitura sobre os alemães no acervo do IISH.

⁴⁶ SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 112)

⁴⁷ NETTLAU, M. Las relaciones personales entre Marx y Bakunín—I. *La Revista Blanca*, Barcelona, 14, no. 372. 06/03/1936. p. 182.

⁴⁸ SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 112.

confirmar a importância da individualização no anarquista russo. Trata-se de uma expectativa na criatividade para formar novas personalidades e comunidades. O bakuninismo de Nettlau, portanto, direcionaria para a estética e criação a possibilidade máxima de efetivação da unidade entre liberdade e igualdade.

A liberdade como formulada no bakuninismo de Nettlau possui sentido de atualidade. Seguindo parte dos ensinamentos de Benjamin⁴⁹, a história para Nettlau tem uma significação orientativa para a atualidade assim “como a moda cita um vestuário do passado. A moda tem um faro para o atual, onde quer que ele se oculte na folhagem do antigamente. Ela é um salto de tigre em direção ao passado”⁵⁰. Para Nettlau, o humanismo de Bakunin poderia estimular o impulso por instrução nas massas e nos próprios militantes anarquista, prática esquecida após sua morte⁵¹.

O russo em Nettlau individualizaria até a si mesmo, pois a liberdade exigiria a incessante renovação intelectual. O aperfeiçoamento humanístico de Bakunin é apresentado como um trabalho incessante, constantemente aprimorado e expandido, por novos caminhos e dissensões. É busca incessante de elevação e harmonia entre as personalidades incomparáveis. Desta forma, na narrativa de Nettlau, por um lado, enquanto Marx não teria feito outra coisa além de propagar a verdade descoberta em 1844⁵². De forma completamente distinta, Bakunin não negaria a importância do incansável desenvolvimento da educação intelectual como estratégia para frustrar o autoritarismo, se “o libertário investiga e inquiri, o autoritário crê haver encontrado tudo e, pelo mesmo, impõe e define”⁵³. A carta de 1875 de Bakunin para Reichel é utilizada para confirmar esta leitura quando diz “agora, parece-me útil outra vez e necessário repetir o antigo grito dos enciclopedistas, grito que caiu em desuso: ecrassóns l’infame”⁵⁴. Desta forma Nettlau explica as constantes renovações no pensamento de Bakunin⁵⁵.

A renovação intelectual seria uma forma de diferenciar-se do marxismo e, concomitantemente com a tolerância, combater o fanatismo dentro do anarquismo, expresso

⁴⁹ A relação entre Max Nettlau e Walter Benjamin é de proximidade, inclusive com troca de cartas.

⁵⁰ BENJAMIN, W. O conceito de história. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 249.

⁵¹ NETTLAU, M. La reacción que siguió a 1871, juzgada por Bakunin y la reacción moderna-I. *La Revista Blanca*, Barcelona, 12, no. 263. 01/02/1934. p.178.

⁵² Referindo-se aos “Manuscritos econômicos filosóficos”, livro que o “automatismo evolucionista” já estaria plenamente desenvolvido. Ver: NETTLAU, M. Raíz de las ideas de Marx y Engels, y raíz de las ideas de Proudhon y Bakunin-I. *La Revista Blanca*, Barcelona, 13, no. 321. 15/03/1935: 241-245.

⁵³ NETTLAU, M. Raíz de las ideas de Marx y Engels, y raíz de las ideas de Proudhon y Bakunin-I. *La Revista Blanca*, Barcelona, 13, no. 321. 15/03/1935. p. 242.

⁵⁴ BAKUNIN apud NETTLAU, M. La reacción que siguió a 1871, juzgada por Bakunin y la reacción moderna-II. *La Revista Blanca*, Barcelona, 12, no. 264. 08/02/1934. p. 195.

⁵⁵ NETTLAU, M. El humanismo de los Reclus (En memoria de Eliseo Reclus, que murió el 4 de Julio de 1905). *La Revista Blanca*, Barcelona, 13, no. 330. 17/05/1935. p. 458.

pela plataforma e por alguns anarco-comunistas que hostilizavam o coletivismo e o individualismo e vice-versa. Bakunin é o meio utilizado por Nettlau para promover tais práticas.

5. Rebelião

Bakunin foi signo de inspiração para a militância anarquista. Para Nettlau, o russo seria menos um pensador, e mais um sujeito de ação. A maior contribuição do russo ao anarquismo seria aproximar as massas das exigências da revolução. Já à época de Nettlau, o anarquismo se encontrava em isolamento. Portanto, era preciso encontrar um método de ação que conseguisse disseminar à vontade por liberdade massivamente. Desta forma poder-se-ia resumir o objetivo do projeto de Nettlau sobre Bakunin.

Nettlau pretendia criar uma imagem de Bakunin vocacionado para a batalha política. Não se trata de vestígios de um suposto inatismo⁵⁶, mas de uma narrativa sobre alguém que, desde muito jovem, adestrou o espírito a propagar a solidariedade e a liberdade⁵⁷. A eficácia do método de Bakunin seria comprovada pela projeção internacional que o anarquismo obteve na segunda metade do século XIX, sobretudo nos anos de AIT na Espanha, Itália e Suíça. Este método formular-se-ia desde muito cedo, quando Bakunin se junta com seus quatro irmãos em Berlim, no ano de 1840, e repetir-se-ia nos textos de 1848 e 1849⁵⁸ e, por fim, de forma aprimorada, em 1864 adiante. Neste grupo inicial já haveria a divisão entre grupo íntimo de revolucionários e as massas a serem impulsionadas⁵⁹. A separação entre Alianza e Associação Internacional dos Trabalhadores seguiria o mesmo princípio⁶⁰. Neste sentido a divisão de Bakunin entre o jovem e o anarquista é insustentável para Nettlau, pois aquele já seria completamente anarquista desde seus primeiros escritos⁶¹. O idealismo de Fichte e Kant, o

⁵⁶ Max Nettlau foi tão radical contra o suposto inatismo que foi um dos que se opôs à uma teoria que começou a ganhar popularidade no meio anarquista à sua época, a das raças inclinadas às ideias libertárias. Ver: NETTLAU, M. Vías de evolución de la idea anarquista. *La Revista Blanca*, Barcelona, 8, no. 170. 15/06/1930. p. 30.

⁵⁷ NETTLAU, M. Raíz de las ideas de Marx y Engels, y raíz de las ideas de Proudhon y Bakunin-III. *La Revista Blanca*, Barcelona, 13, no. 326. 19/04/1935. p. 363.

⁵⁸ Nettlau diz sobre tal relação: “não menciono aqui mais que suas “Bases da nova política eslava” de 1848 e o projeto de uma revolução de Bohemia, de 1849, tal como a esboça na chamada “Confissão” de 1851. Uma comparação mostraria que as ideias aplicadas ali às questões de nacionalidade e de revolução primeiramente política e nacional correspondem também à seu programa e à sua prática revolucionária tais como resume em 1866; concludo que se tivesse tido uma ocasião de formular suas ideias socialistas e sua comparação da revolução social em 1848, haveria dito pouco mais ou menos o que escreveu em 1866, e o que escreveu em 1868, em 1872, 1873 no diferem essencialmente” (NETTLAU, M. La idea anarquista, su pasado, su presente, su porvenir-XII. *La Revista Blanca*, Barcelona, 3, no. 50. 15/06/1925. p.23).

⁵⁹ NETTLAU, M. Raíz de las ideas de Marx y Engels, y raíz de las ideas de Proudhon y Bakunin-III. *La Revista Blanca*, Barcelona, 13, no. 326. 19/04/1935. p. 363.

⁶⁰ NETTLAU, M. Raíz de las ideas de Marx y Engels, y raíz de las ideas de Proudhon y Bakunin-III. *La Revista Blanca*, Barcelona, 13, no. 326. 19/04/1935. p. 363.

⁶¹ Em seus primeiros escritos, demonstra Nettlau, Bakunin já se opusera ao Estado e a Igreja (NETTLAU, M. Propaganda y práctica de la libertad anarquista: (La exigencia del momento). *La Revista Blanca*, Barcelona, 9, no. 206. 15/12/1931. p. 420). Assim como, desde a década de 30 do século XIX, ele já propagava a liberdade e a

hegelianismo e depois o nacionalismo, na vida de Bakunin, seriam vacilações dignas de qualquer humano. O que interessava para Nettlau é o afincamento no cultivo revolucionário desde muito novo e o apego incondicional à liberdade e a solidariedade.

A imagem criada por Nettlau para apresentar Bakunin é a do guerreiro ácrata⁶². Este se distingue absolutamente de outros militantes como, por exemplo, o marxista. O guerreiro ácrata reúne as características de atuação de Bakunin, pois ele: 1- age de forma extensiva e ofensiva (revolução universal), diferente, por exemplo, de Kropotkin, o qual trata a revolução localizada e defensiva; 2 – engaja-se de forma enérgica e corajosa para prevenir a ressurreição do antigo regime e; 3 – estimula as virtudes do humanismo libertário, ou seja, propagação, acima de tudo, do impulso ético, solidário, generoso e investigativo por meios práticos. A vanguarda invisível de Bakunin e o respeito a singularidade do desenvolvimento do indivíduo e municípios seriam modalidades de militância virtuosa. O guerreiro ácrata de Bakunin, ao relacionar liberdade, massa e vanguarda revolucionária, por intermédio das características acima, encontra sua singularidade como subversivo.

Segundo Nettlau, Bakunin entendia a militância como algo complexo e as estratégias revolucionárias derivariam de um conjunto de variáveis. Sua virtuosidade não era ingênua como a de Cândido e Pangloss de Voltaire. Ele também não concebia a revolução por um automatismo corporativista como, por exemplo, Marx, que reduzindo o socialismo à sua própria concepção, inclusive perseguindo os demais grupos socialistas⁶³, acreditava que o avanço automático da revolução não encontraria obstáculos. A estratégia do russo também diferiria do corporativismo do sindicalismo revolucionário, por não acreditar que a revolução seria imanente ao proletariado⁶⁴. Em Bakunin, a revolução seria construída por uma vanguarda capaz de coordenar invisivelmente as exigências revolucionárias, as condições existentes e as massas⁶⁵; atualizava-se incessantemente a prática revolucionária pela conjunção das demandas locais e

solidariedade como valores fundamentais, entendimento que se repetiria em 1848/49 e 1864 adiante (NETTLAU, M. Raíz de las ideas de Marx y Engels, y raíz de las ideas de Proudhon y Bakunin-III. *La Revista Blanca*, Barcelona, 13, no. 326. 19/04/1935).

⁶² Usa-se guerreiro no sentido de Humboldt: a minha visão do guerreiro não se aplica tanto àqueles que são treinados para a guerra e que se dedicam a ela, como na República de Platão, mas sim a homens que encaram a vida e a morte, assim como outras coisas, por aquilo que elas realmente são; que, possuindo em mira os objetivos mais elevados, ousam arriscá-los. Todas essas situações, nas quais os extremos contrastantes encontram-se intimamente, e de maneira variada, interconectados, são as mais interessantes e promissoras possíveis (2004, p. 196). Depois ele complementa: “espírito guerreiro só é honorável na conjunção das mais altas virtudes de paz e de disciplina militar aliadas com o mais alto sentimento de liberdade” (HUMBOLDT, W. *Os Limites da Ação do Estado*. Rio de Janeiro: Liberty fund, 2004. p. 197)

⁶³ Nettlau utiliza como fundamento desta afirmação a carta de Marx destinado ao Friedrich Bolte de 1871.

⁶⁴ Neste sentido que o bakuninismo de Nettlau não trata de “luta de classes” e sim de “luta das massas”.

⁶⁵ NETTLAU, M. Progreso y reacción en la Historia: Como destruir la fatalidad de su acción conjunta. *La Revista Blanca*, Barcelona, 11, no. 248. 15/09/1933. P. 225-229.

temporais com os valores revolucionários – todas variáveis temporalmente, retirando-as do automatismo ou da linearidade, de acordo inclusive com a renovação intelectual.

Bakunin rejeitaria a ortodoxia na militância e diversificaria várias vezes a sua opinião sobre o principal obstáculo da revolução, alternando, principalmente, entre servidão física e intelectual⁶⁶. Nos últimos anos de sua vida concluiu que a última era mais nociva. Neste sentido, por questões estratégicas, viu-se constringido a depositar esperança no primeiro ministro da Prússia, Otto von Bismarck⁶⁷, ou a comemorar as eleições na França⁶⁸⁶⁹. Até mesmo as estranhas posturas nos seus textos destinados ao público são parte deste jogo de adaptação da estratégia revolucionária. Outro elemento que confirmaria o pragmatismo de Bakunin seria sua dedicação na Itália visando inibir a ação de Mazzini. Neste sentido, a militância do russo não poderia ser investida de uma rigidez absoluta, mas de criatividade para renovar-se e adaptar-se aos novos contextos. A rebelião se associaria à estética devido a necessidade de criação de infinitas estratégias e práticas libertárias.

Nettlau não pretendia montar, com Bakunin, um modelo universal de atuação. Ele, pelo contrário, reconhece o surgimento de novas travas para o avanço da solidariedade e da liberdade⁷⁰. O historiador deseja, por um lado, distanciar a prática anarquista do bolchevismo e do sindicalismo revolucionário. O primeiro Nettlau chama de fascismo de esquerda, menos preferível até que o capitalismo. O segundo seria a assunção da completa e mais efetiva maquinização do humano. Por outro lado, pretende motivar o movimento ácrata com um passado de glória e com uma crítica racional que apontaria para os princípios mais elementares da prática libertária de Bakunin. A análise das ações revolucionárias de Bakunin serviriam como orientação para um contexto de isolamento do anarquismo. Daí retirar-se-ia uma fonte de orientação para a massificação do anarquismo. O engajamento de Nettlau está em sua capacidade de produzir orientações para o movimento anarquista alcançar os feitos revolucionários pela via libertária.

⁶⁶ NETTLAU, M. El sindicato y la sociedad del porvenir-I. *La Revista Blanca*, Barcelona, 10 no. 233. 01/02/1933. p. 516.

⁶⁷ NETTLAU, Eliseo Reclus y Miguel Bakunin. *La Revista Blanca*, Barcelona, 6, no. 105. 01/10/1927. P. 257-264.

⁶⁸ NETTLAU, M. Progres y reacción en la Historia: Como destruir la fatalidad de su acción conjunta. *La Revista Blanca*, Barcelona, 11, no. 248. 15/09/1933. p.228)

⁶⁹ Certamente, muitos anarquistas, sob a égide do purismo anti-estatista, afirmariam, por obrigação lógica, que Bakunin abandonaria o anarquismo nestes seus dois posicionamentos.

⁷⁰ NETTLAU, M. El nacionalismo económico y la Internacional de la solidaridad humana (con algunas consideraciones sobre la esencia y la obra de la Internacional de 1864). *La Revista Blanca*, Barcelona, 13, no. 345. 30/08/1935. p. 818.

Para Nettlau, a rebelião torna-se o dever de ousar afirmar o amor e a liberdade. Ela não deve ser compreendida como o jiu-jitsu das greves⁷¹, nem radicalismo unilateral, mas pela sua forma inteligente e efetiva. O método desenvolvido por Bakunin é uma forma de superar um tipo de militância heroica e fatigante como, por exemplo, o anarquismo francês do fim do século XIX. Apenas a separação entre minoria avançada e massas seria insuficiente, Nettlau está realizando sobretudo um chamado a atuação corajosa, criativa, perspicaz e racional (o guerreiro ácrata). A rebelião, como instigada por Nettlau, não é devoção à doutrina. Trata-se de um imperativo contra, por um lado, a generalização, conceito inseparável da ditadura em Nettlau⁷², por outro, a desumanização. Ser revolucionário seria singularizar-se e reivindicar a elevação completa da humanidade, inclusive esta seria a melhor forma da vanguarda invisível colher bons frutos.

6. Conclusão

As três categorias dos projetos de vida e das práticas ácratas apresentadas acima possuem certa plasticidade. Não se deve considerar elas na rigidez da orientação exemplar. Todas são categorias de orientação que só têm sentido com um conjunto de adaptações, como o próprio Bakunin ensinaria. O preceito libertário é o sacrifício das rigidezes sistêmicas ou de ortodoxias na militância. Bakunin, mesmo só aprendendo sobre o anarquismo com Proudhon e, talvez, Max Stirner, conseguiria não só captar este feixe de relações do anarquismo, mas aprimorar e fazer dele um socialismo de massas – a melhor forma de romper com o sagrado. Nem mesmo Nettlau, que se engajou por toda a vida a desvelar o anarquismo de Bakunin, compreendeu o russo como um modelo dogmático. Pelo contrário, teceu diversas objeções e distinções históricas como, por exemplo, o surgimento de novas travas a serem destruídas ou a necessidade de aprimoramento do anarquismo e suas práticas após as derrotas de 1871, 1873 e 1874⁷³. Sintomaticamente, os modelos orientativos de Nettlau estão na constante batalha entre permanências e discontinuidades, atual e caduco, plausível e reprovável.

O anarquismo de Nettlau, portanto, disseminava um complexo sistema de orientação histórica para as massas. A imagem de Bakunin criada pelo historiador austríaco evidencia como sua pretensão foi construir quadros de compreensão do presente e projeções no futuro que fossem altamente refinados. Sua narrativa contempla, simultaneamente, as transformações

⁷¹ NETTLAU, M. Propaganda y práctica de la libertad anarquista: (La exigencia del momento). *La Revista Blanca*, Barcelona, 9, no. 206. 15/12/1931. p. 418.

⁷² NETTLAU, M. Las enfermedades de la Humanidad. *La Revista Blanca*, Barcelona, 12, no. 272 .06/04/1934. p. 323.

⁷³ NETTLAU, M. LA idea anarquista, su pasado, su presente, su porvenir-XIV. *La Revista Blanca*, Barcelona, 3, no. 57. 01/10/1925. p. 23.

culturais, as necessidades de adaptações, as diversas perspectivas, mudanças dos conceitos e condições práticas, a historicização das práticas e a validação dos valores se alternando de acordo com a singularidade do indivíduo. Neste sentido, acolhendo a escola historicista alemã do século XIX e produzindo uma vertente anarquista, um tipo de historicismo anarquista, Nettlau visaria estimular não um modelo exemplar⁷⁴ ou, menos ainda, crítico de orientação. O que se encontra nos comentários do austríaco sobre a vida de Bakunin é muito mais uma aproximação do tipo genético de Jörn Rüsen⁷⁵. Considerando que os seus artigos são destinados à uma revista de caráter popular e de circulação entre os trabalhadores, infere-se que a pretensão da historiografia anarquista foi a de elevar qualitativamente a relação das massas com o passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKUNIN, M. *Carta ao irmão Pavel*. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/bakunin/1845/03/29.htm>> . Visto em: 23/02/2021.

BAKUNIN, M. *Conceito de liberdade*. Trad. Jorge Dessa. Porto: Res limitada. 1975.

BENJAMIN, W. O conceito de história. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 5. Trad. Peter Pál Pelbart. Ed. 34. 2ª Edição. 2012.

DIDEROT, D. *Obras IV: Jacques, o fatalista, e seu amo*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GAZOLLA, R. *O ofício do filósofo estoico – o duplo registro da Stoa*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Cartografias do desejo*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HUNINK, M. Das schicksal einer bibliothek: Max Nettlau und Amsterdam. *International Review of Social History*, vol. 27, no. 1, 1982.

⁷⁴ Falar em bakuninismo em Nettlau é um paradoxo, pois ele acreditava que os ensinamentos de Bakunin seria melhor aproveitado na continua adaptação e renovação das práticas. Trata-se, portanto, de um sistema completamente distinto do marxismo, por exemplo, que possui uma dinâmica reduzida, cuja ruptura com os escritos de Marx representaria um afastamento da causa revolucionária. Nettlau proclama “eu amo Bakunin, mas amo mais ainda meus camaradas atuais que estão vivos, a liberdade e a solidariedade e nunca faria algo junto a seus carrascos.” No original: “Ich liebe Bakunin, aber mehr noch liebe ich meine jetzt lebenden Genossen, die Freiheit und Solidarität, und ich werde niemals etwas mit ihren Henkern zu tun haben.” (NETTLAU apud HUNINK, M. Das schicksal einer bibliothek: Max Nettlau und Amsterdam. *International Review of Social History*, vol. 27, no. 1, 1982. p. 5).

⁷⁵ RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (Orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p. 51-78.

HUMBOLDT, W. *Os Limites da Ação do Estado*. Rio de Janeiro: Liberty fund, 2004.

HUMBOLDT, W. “Sobre a tarefa do historiador” [1821], in: E. M. Martins (org.), *A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. trad. e apresentação de Pedro Caldas. São Paulo: Contexto, 2010. p. 71-100.

MARTINS, Estevão de Rezende. Historicismo: tese, legado, fragilidade. *História Revista*, 7 (1/2): 1-22, jan./dez. 2002

MATOS, A. S. M. “Do radicalismo igualitário grego ao universalismo conservador romano: a construção da ideia de República no Estoicismo”. *Archai* n. 9, jul-dez 2012, pp. 45-60.

MINTZ, F. Introdução. In: NETTLAU, M. *História da Anarquia: das origens ao anarco-comunismo*. Trad. Plínio Augusto. São Paulo: Hedra, 2008.

NETTLAU, Max. La idea anarquista, su pasado, su presente, su porvenir-XI. *La Revista Blanca* 3 no. 46. 15/04/1925: 25-27.

NETTLAU, Max. La idea anarquista, su pasado, su presente, su porvenir-XII. *La Revista Blanca* 3 no. 50. 15/06/1925: 25-27.

NETTLAU, Max. La idea anarquista, su pasado, su presente, su porvenir-XII (continuación). *La Revista Blanca* 3 no. 51. 01/07/1925: 25-26.

NETTLAU, Max. La idea anarquista, su pasado, su presente, su porvenir-XIV. *La Revista Blanca* 3 no. 57. 01/10/1925: 21-23.

NETTLAU, Max. Un poco de historia: Alrededor de Miguel Bakunin y Gaspar Sentiñón. *La Revista Blanca* 4 no. 83. 01/11/1926: 324-329.

NETTLAU, Max. Eliseo Reclus y Miguel Bakunin. *La Revista Blanca* 6 no. 103. 01/09/1927): 193-198.

NETTLAU, Max. Eliseo Reclus y Miguel Bakunin. *La Revista Blanca* 6 no. 105. 01/10/1927: 257-264.

NETTLAU, Max. El lugar de la anarquía en la serie de las liberaciones humanas. *La Revista Blanca* 7 no. 156. 15/11/1929: 273-279.

NETTLAU, Max. Vías de evolución de la idea anarquista. *La Revista Blanca* 8 no. 170. June 15/06/1930: 27-32.

NETTLAU, Max. La anarquía y la gran causa del progreso humano. *La Revista Blanca* 9 no. 188. 15/03/1931: 468-473.

NETTLAU, Max. El socialismo individualizado y la ciencia social: (Del origen de los sistemas sociales). *La Revista Blanca* 9 no. 190. 15/04/1931: 523-529.

NETTLAU, Max. Propaganda y práctica de la libertad anarquista: (La exigencia del momento). *La Revista Blanca* 9 no. 206. 15/12/1931: 417-421.

NETTLAU, Max. El sindicato y la sociedad del porvenir-I. *La Revista Blanca* 10 no. 233. 01/02/1933: 513-520.

NETTLAU, Max. Progresos y reacción en la Historia: Como destruir la fatalidad de su acción conjunta. *La Revista Blanca* 11 no. 248. 15/09/1933: 225-229.

NETTLAU, Max. La reacción que siguió a 1871, juzgada por Bakunin y la reacción moderna-I. *La Revista Blanca* 12 no. 263. 01/02/1934: 177-179.

NETTLAU, Max. La reacción que siguió a 1871, juzgada por Bakunin y la reacción moderna-II. *La Revista Blanca* 12 no. 264. 08/02/1934: 194-196.

NETTLAU, Max. Bosquejo histórico del esfuerzo libertario en Francia. *La Revista Blanca* 12 no. 283. 22/06/1934: 497-500.

NETTLAU, Max. Raíz de las ideas de Marx y Engels, y raíz de las ideas de Proudhon y Bakunin-I. *La Revista Blanca* 13 no. 321. 15/03/1935: 241-245.

NETTLAU, Max. Raíz de las ideas de Marx y Engels, y raíz de las ideas de Proudhon y Bakunin-II. *La Revista Blanca* 13 no. 323. 29/03/1935: 289-291.

NETTLAU, Max. Raíz de las ideas de Marx y Engels, y raíz de las ideas de Proudhon y Bakunin-II. *La Revista Blanca* 13 no. 325. 05/04/1935: 313-315.

NETTLAU, Max. Raíz de las ideas de Marx y Engels, y raíz de las ideas de Proudhon y Bakunin-III. *La Revista Blanca* 13 no. 326. 19/04/1935: 361-363.

NETTLAU, Max. El humanismo de los Reclus (En memoria de Eliseo Reclus, que murió el 4 de Julio de 1905). *La Revista Blanca* 13 no. 330. 17/05/1935: 457-462.

NETTLAU, Max. El nacionalismo económico y la Internacional de la solidaridad humana (con algunas consideraciones sobre la esencia y la obra de la Internacional de 1864). *La Revista Blanca* 13 no. 344. 23/08/1935: 793-796.

NETTLAU, Max. El nacionalismo económico y la Internacional de la solidaridad humana (con algunas consideraciones sobre la esencia y la obra de la Internacional de 1864). *La Revista Blanca* 13 no. 345. 30/08/1935: 817-819.

NETTLAU, Max. La presión económica y la lucha por la libertad. *La Revista Blanca* 13 no. 351. 11/10/1935: 961-964.

NETTLAU, Max. Respuesta a una interrogante vital-II. *La Revista Blanca* 14 no. 369. 21/02/1936: 141-144.

NETTLAU, Max. La libertad de la sociedad del mañana. *La Revista Blanca* 14 no. 387, 15/07/1936: 74-78.

ROCKER, R. Max Nettlau el herodoto de la anarquismo. Trad. Diego Abad Santillán. México: México D.F. 1950.

RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.;

MARTINS, E. R. (Orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p. 51-78.

SILVA, L.S.D. Leituras do historicismo antes e depois do Holocausto: Rüsen e Benjamin. *Revista de Teoria da História*. Ano 1, Número 1, agosto/ 2009.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SIMMEL, Georg. Psicologia do coquetismo. In: SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. Trad. Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WHITE, H. *Meta-História: A imaginação Histórica do Século XIX*. Trad. José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora da USP, 1992.

***O autor declara que não existem conflitos de interesse.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores concordam que caso o manuscrito venha a ser aceito e postado no servidor SciELO Preprints, a retirada do mesmo se dará mediante retratação.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.